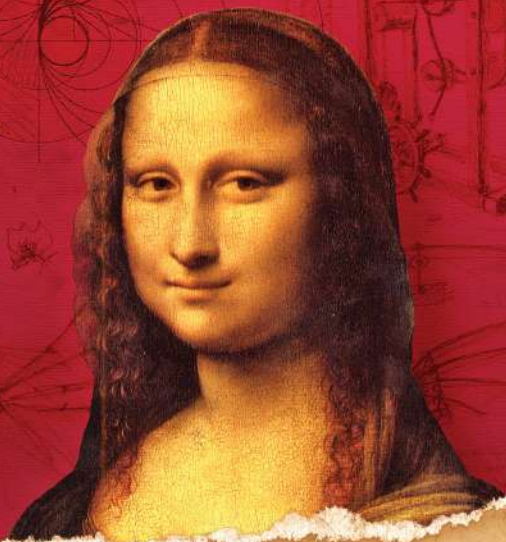


STEPHANIE
STOREY

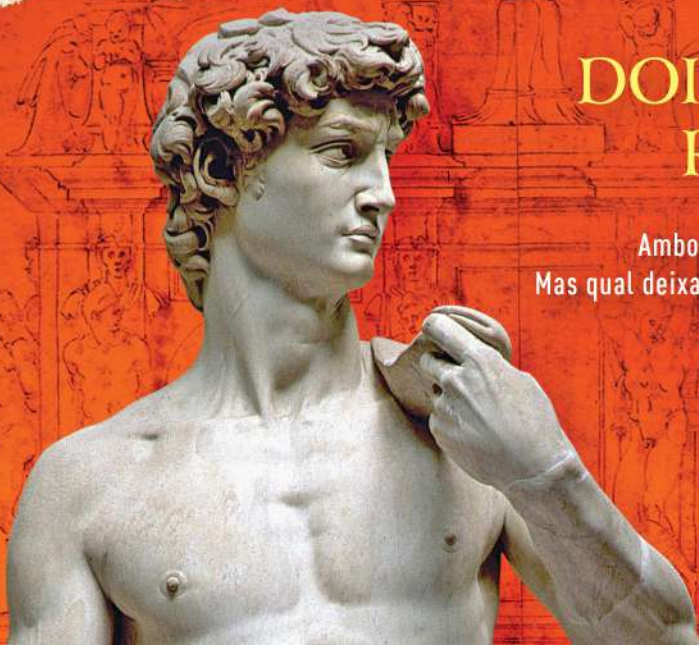
ROMANCE
HISTÓRICO



LEONARDO &
MIGUEL ÂNGELO

DOIS GÊNIO
RIVAIS

Ambos desejam a glória.
Mas qual deixará o maior legado artístico?



TOP
SEL
LER

*Para o meu marido, Mike,
que me deu a coragem de perseguir os meus sonhos.*

1499

Milão



Leonardo

Dezembro • Milão

De perto, ele viu que o mural já se estava a esfarelar na parede. A tinta, que devia ser lisa, era afinal granulada, como se tivesse sido aplicada sobre uma fina camada de areia. Em breve, o pigmento descolar-se-ia do gesso, desfazendo-se em partículas, que seriam, uma a uma, sopradas para longe. Os tons de terra, feitos de pó e barro, seriam os primeiros a desaparecer. O vermelhão, a cor ferrugenta do sangue e da romã, seria provavelmente a mais duradoura; tinha as qualidades mais permanentes. Mas era sobretudo o azul-ultramarino que o preocupava. Obtido da moagem de preciosas pedras de lápis-lazúli, esse azul brilhante chegava de barco, de uma longínqua terra do Oriente, e era o tom mais caro do mercado. Ao usar um toque de azul-ultramarino, um pintor podia elevar uma pintura medíocre ao estatuto de obra-prima, mas o seu uso nos frescos era raro. Sem azul-ultramarino, o seu trabalho podia ser desdenhado como insignificante ou, pior ainda, convencional. E a cor já começava a estalar.

— *Porca vacca* — praguejou baixinho. A deterioração era culpa sua. Levava as experiências demasiado longe. Levava sempre tudo demasiado longe. O lado esquerdo do seu rosto tremeu. Ele respirou fundo, e a sua expressão voltou a serena.

Não valia a pena apouquentar-se. De momento, garantiu a si mesmo, aquela continuava a ser uma obra-prima, e ele continuava a ser o mestre. Voltou a entreter o público com segredos e histórias. Afinal, tinham vindo para isso: para ouvir o grande Leonardo da Vinci explicar a sua última pintura, *A Última Ceia*.

— Um de vós trair-me-á! — troou Leonardo, com a voz a ecoar no refeitório de teto abobadado de Santa Maria delle Grazie, em cuja parede norte se estendia o seu fresco.

O magote de turistas franceses deleitou-se com a sua explosão dramática. Leonardo sabia que, para muitos, ele era motivo de grande curiosidade. Aos 48 anos, o mestre de Vinci era um dos mais famosos homens da península italiana; o seu nome espalhara-se até França, Espanha, Inglaterra e até à distante terra da Turquia. Era conhecido pelos engenhosos desenhos de máquinas de guerra e pelas grandes inovações na pintura. Turistas viajavam do mundo inteiro para o verem diante do seu famoso fresco, conhecido pelas cores voluptuosas, de momento ainda agarradas ao gesso, pelos 13 retratos realistas de Jesus e seus discípulos, e pela composição ondulante, equilibrada em torno de um Cristo central e estável.

— Este é o momento que se segue à acusação de Cristo — disse, afastando-se do fresco na esperança de desviar as atenções do grupo da deterioração da pintura. — Neste ponto da história, ninguém sabe ainda que Judas trairá Jesus. A revelação de que, entre eles, existe um impostor é chocante. Os discípulos levantam-se, agitam os braços, gritam em sinal de alerta. Um deles é um traidor. Mas qual?

Leonardo examinou os turistas, como se procurasse uma serpente entre eles. Na verdade, estudava os seus rostos, em busca de características e expressões únicas que pudesse esboçar no seu caderno depois de partirem.

— Ouvi dizer que usou a sua própria cara como modelo para o Incrédulo Tomé — comentou uma voluptuosa francesa, num italiano com forte sotaque. — Mas não vejo *ressemblance*. — Franziu os lábios sobre a pronúncia francesa, como se os preparasse para plantar um beijo.

Leonardo sabia que tanto homens como mulheres apreciavam a sua boa aparência. Embora usasse muitas vezes óculos para auxiliar a vista cansada, quando se mirava ao espelho, via que os seus olhos dourados brilhavam ainda com um vigor juvenil. Era ágil e musculoso, com a cabeça ainda cheia de cabelo ondulado, castanho-escuro, que mal começava a embranquecer. Se as massas o miravam boquiabertas, como se fosse uma espécie de criatura mítica, ele tinha a responsabilidade de se apresentar bem, era assim que pensava. Por isso, tomava banho todos os dias e usava roupas da moda que proclamavam o seu êxito: túnicas pelos

joelhos, collants em tons pastel e um anel de ouro com gemas de várias cores formando um pássaro, que valia mais do que a maioria dos artistas conseguia ganhar no decurso de uma vida.

Deslizou o olhar para o peito da jovem francesa, rosado e repuxado pelo espartilho, como era moda. Por vezes, quando um turista, rapaz ou rapariga, lhe chamava a atenção, ele levava-o ao seu estúdio para o desenhar, e frequentemente estes ficavam tão excitados por conhecer o mestre, que facilmente se introduziam na sua cama.

— Isso é porque não existe *ressemblance* — respondeu ele, imitando o sotaque francês da jovem. — Se me baseasse na minha própria imagem como modelo, desenharia variações de mim mesmo, uma após a outra, e nunca criaria um único rosto. Daí resultariam pinturas enfadonhas.

O público riu-se, incluindo a francesa carnuda.

Os patronos costumavam dizer a Leonardo que era difícil perceber se falava a sério ou se brincava, pelo que ele injetou uma dose extra de gravidade na voz.

— Estou a falar verdade.

Exceto num pormenor.

Baixou o olhar para o pássaro incrustado de gemas que brilhava no anelar da mão esquerda, a sua mão dominante. Os italianos, tementes a Deus, consideravam que ser canhoto era uma aberração. O lado direito era o lado divino. O lado esquerdo inclinava-se ao pecado. A maioria das crianças esquerdinas era forçada a usar a mão direita, para que se mantivesse no caminho justo. O pai de Leonardo tivera 12 filhos legítimos da sua mulher legítima, e eram todos destros. Quanto a Leonardo, seu filho bastardo, resultado da aventura juvenil com uma escrava doméstica de Constantinopla, o lado esquerdo fora aceitável.

Em *A Última Ceia*, dois lugares à direita de Jesus, um homem de túnica verde, nas sombras, estendia a mão esquerda para um pão. Judas também era canhoto.

— Imaginem que fazem parte de uma grande família. — Leonardo desviou o olhar da jovem francesa para a pintura. — Um de 12 irmãos reunidos em torno de uma mesa festiva. O vosso pai está ao centro, tentando manter a ordem e o equilíbrio. Imaginem... — Os sons e cheiros da sala pareceram desvanecer-se enquanto ele meditava sobre a mão

esquerda de Judas. — Mas, como sucede em todas as famílias, sob a superfície encontram-se segredos. No meio da nossa família ruidosa, há um homem que não pertence aqui. Ele permanece entre nós, mas é difícil de encontrar.

Noutras representações da Última Ceia, Judas era fácil de identificar, muitas vezes sentado do lado da mesa oposto aos restantes. Na versão de Leonardo, contudo, o traidor estava no meio do grupo, era só mais um dos discípulos, escondido por essa mesma inclusão, apenas identificável pela pequena bolsa de dinheiro que segurava.

— No momento que se segue à acusação de Jesus, todos estão em choque, perguntando quem é o traidor. Será este? Ou aquele? Ou o outro, acolá? Ou, a questão mais aterradora, poderei ser eu? Quando nenhum de nós foi ainda identificado como o traidor, todos o somos. Podemos todos ser o outro ilegítimo. Podemos todos ser Judas.

Quando os espetadores se debruçaram para examinar os rostos um a um, Leonardo gemeu por dentro. O seu propósito fora desviar as atenções da deterioração da pintura, não fazer com que a examinassem mais de perto.

Subitamente, a porta do refeitório abriu-se e um elegante jovem de 22 anos irrompeu na sala. Gian Giacomo Caprotti da Oreno ostentava uma expressão de pânico no rosto de pele lisa e tinha o cabelo desgrenhado.

— *Il Moro* está a chegar!

A multidão fez silêncio e entreolhou-se, como que tentando discernir se se tratava de um aviso autêntico ou de uma manobra para os entreter. Olharam para Leonardo em busca de um sinal.

— Se estás a brincar, Salaì, isso é muito cruel para com estas pobres pessoas. — Ele chamava ao seu assistente Salaì, que significava Diabinho, devido à propensão para pregar partidas que este demonstrara ao longo dos últimos... quantos anos tinham já passado? Dez?

— Não é uma brincadeira, mestre. Juro. *Il Moro* está de volta. Com um exército.

Apesar de inclinado às partidas, o jovem não era bom ator. Falava verdade.

Dois senhoras gritaram. A voluptuosa jovem francesa pressionou a mão na barriga cingida pelo espartilho. Maridos ordenaram às famílias

que fugissem. Se *Il Moro* estava de volta a Milão, as vidas de todos eles corriam perigo.

Principalmente a de Leonardo da Vinci.

A família Sforza governara Milão durante 50 anos, até há dois meses, quando o exército francês invadira a capital e a expulsara da cidade. O duque Ludovico Sforza — chamado *Il Moro* (*o Mouro*) devido à sua tez escura — escapara incólume, mas sofrera uma derrota humilhante. Se Salai falasse verdade acerca do regresso do governante expulso, Sforza realizaria um ataque terrível. Todos os franceses que ainda se encontravam em Milão estariam em perigo.

Incluindo Leonardo. Nos últimos 18 anos ele vivera e trabalhara em Milão, servindo a corte milanesa, mas, quando o duque fugira, em vez de o seguir como um patriota leal, Leonardo permanecera nos seus confortáveis aposentos no Castelo dos Sforza e oferecera os seus serviços ao rei francês. Se o duque recuperasse o poder, Leonardo seria provavelmente preso por traição. E todos sabiam o que os Sforza faziam aos traidores.

— Temos de ir para junto do rei. Ele levar-nos-á consigo para França, ou para Nápoles, ou para onde quer que decida ir. — Leonardo girou o anel com o pássaro na sua mão esquerda.

A expressão de Salai toldou-se.

— O rei já partiu. Levou a corte. Deixou-nos para trás.

O olho esquerdo de Leonardo tremeu. Precisava de tempo para pensar, por isso pegou no caderninho que trazia preso no cinto, sentou-se no chão diante do fresco e começou a desenhar os turistas franceses em pânico. Com traços rápidos, captou impressões vagas: olhos arregalados, narinas inchadas, braços agitados, tudo o que sugerisse medo. A única forma de compreender verdadeiramente a emoção humana era estudando os seus efeitos físicos, e as oportunidades de testemunhar este género de reação crua eram raras. Lamentava não poder captar o restolhar de panos, os gritos reprimidos e as respirações arquejantes. Se pudesse desenhar o sabor do terror, tê-lo-ia feito.

— Mestre, por favor, agora não... — Salai tentou delicadamente tirar-lhe o caderno das mãos, mas Leonardo não o largou. — Fomos abandonados. Temos de sair de Milão.

— Devemos pensar antes de fazer algo precipitado.

Ele tinha de desenhar a roliça jovem francesa como a via agora: a cabeça atirada para trás, a boca aberta num gemido, o peito corado e pulsante. O medo tinha as suas semelhanças com o êxtase, e ele escreveu uma nota para não se esquecer de estudar as implicações de uma semelhança tão incongruente. Enquanto a francesa fugia da sala, Leonardo lamentou não ter a oportunidade de ceder aos seus desejos com ela.

O último dos franceses saiu do salão. A pesada porta foi fechada, abafando a cacofonia de pânico nas ruas.

Salaì segurou o cotovelo de Leonardo.

— Não temos tempo para pensar.

— Há sempre tempo para pensar, meu jovem aprendiz. — Leonardo guardou calmamente o caderno.

Fora por ter tempo para pensar que Leonardo tentara aquela nova técnica que usara no fresco agora a esfarelar-se. Nos verdadeiros frescos, um artista espalhava uma camada de cal na parede e, em seguida, pintava diretamente no gesso molhado, para que a pintura se tornasse parte permanente do edifício. Contudo, a durabilidade tinha o seu preço. Era necessário pintar uma área de gesso fresco antes que este secasse. Isso exigia um trabalho rápido e contínuo — mas rápido e contínuo não era o género de Leonardo. Ele gostava de se demorar, de contemplar todos os pormenores. Podia começar um projeto, parar e recomeçar. Além disso, muitas das suas cores favoritas, como o azul-ultramarino, eram fabricadas com materiais que não reagiam bem à cal. Por isso, desenvolvera uma técnica adequada ao seu estilo, aplicando uma têmpera à base de ovo diretamente numa parede seca, isolada com primário. Usando esse método, podia empregar os seus pigmentos minerais favoritos — azul-ultramarino, vermelhão, até o cintilante azul-esverdeado da azurite. Mas, mais importante, se evitasse o gesso molhado, podia demorar-se, fazer alterações sempre que lhe ocorria uma ideia melhor, dias, semanas, meses ou até anos mais tarde. Certa vez, quando pintava precisamente aquele fresco, pensara numa única pincelada durante três dias, antes de aplicar um toque de ocre na mão direita de Jesus.

Salaì ajudou Leonardo a pôr-se de pé.

— Já empacotei os seus cadernos e os desenhos soltos. — Deu uma palmadinha numa pesada sacola pendurada a tiracolo. — Tudo o resto terá de ficar para trás.

Leonardo relanceou *A Última Ceia*. A pintura esfarelava-se, disso não havia dúvida. Ele não poderia salvar aquela obra.

— Está bem, Salai — disse, mais para si próprio do que para o ajudante. — Aqueles que se apegam para sempre aos seus bens estão errados. Nós, artistas, sabemos desapegar-nos das nossas posses. O nosso trabalho, afinal, não nos pertence, é do patrono. Além disso, as pinturas nunca estão terminadas, apenas são abandonadas.

Enquanto saíam, tiros de canhão ecoavam à distância. Lá fora, era o caos. Cavalos a galope transportavam soldados para fora da cidade. Cortesãos e cidadãos franceses carregavam freneticamente carruagens. Um invernosso vento de tempestade levantara nuvens de poeira, encobrin-do a cidade com uma névoa castanha. A moderna capital do Norte, Milão, tombara na anarquia. No meio do pandemónio, um solitário soldado francês demorava-se pacificamente na *piazza* e erguia o olhar para uma enorme estátua de barro, um imponente cavalo, mais alto do que cinco homens empoleirados nos ombros uns dos outros.

O cavalo de barro, um monumento ao falecido pai de *Il Moro*, fora concebido por Leonardo como modelo para aquilo que teria sido a maior estátua equestre em bronze da história. Poetas compunham versos ao glorioso animal e turistas viajavam de longe para verem o modelo, planeando voltar para apreciarem a estátua em bronze quando estivesse concluída. Mas Leonardo não chegara sequer a concluir o molde para a escultura, e *Il Moro* acabara por derreter o bronze que lhe estava destinado, fazendo antes balas de canhão para a guerra. Quando os franceses invadiram Milão, usaram o cavalo de barro para praticarem a pontaria, atingindo-o com setas a arder e batendo-lhe com paus. Os soldados arrancaram-lhe uma orelha, parte do nariz e um pedaço dos quartos tra-seiros. Se fosse um cavalo vivo, teria morrido nos primeiros momentos. Porém, embora cheio de furos, o modelo de barro continuava de pé.

— Mestre, venha. Temos de ir! — Do outro lado da rua, Salai selava dois cavalos.

Leonardo não se mexeu. Não conseguia tirar os olhos do soldado francês, numa silenciosa comunhão com o grandioso cavalo. Leonardo esperava que o monumento transmitisse ao homem uma sensação de paz e propósito nestes tempos de tumulto. O soldado procurou no cinto

e, lentamente, desembainhou uma espada comprida. Leonardo imaginou o jovem guerreiro a depositar a arma aos pés da estátua, como que rendido perante a beleza da sua arte. Em vez disso, o soldado empunhou a espada e gritou: «Morte aos Sforza!» A lâmina atingiu a perna dianteira direita do cavalo com um som estridente. A perna estilhaçou-se. O cavalo manteve-se imóvel por um momento, depois inclinou-se para a frente e tombou no chão.

— Não! — gritou Leonardo. Ele passara quatro longos anos a desejar aquele cavalo. Muitas noites fantasiara com o momento em que finalmente moldaria a estátua em bronze reluzente.

Neste momento da sua carreira, Leonardo era um êxito incontestado, mas muitos dos seus contemporâneos já haviam morrido. Que deixaria ele para trás, quando também partisse? Não tinha filhos que transportassem o seu nome para o futuro. Metade das suas pinturas estava inacabada. A outra metade, incluindo os retratos das amantes de *Il Moro*, pendia de paredes em aposentos privados e talvez nunca viesse a ser exibida publicamente. Concebera uma profusão de invenções por concretizar e possuía uma pilha de cadernos com divagações inúteis. Agora, *A Última Ceia* descolava-se da parede e o modelo para a sua obra-prima equestre estava destruído. Dentro de alguns anos, alguém recordaria Leonardo, o pintor, inventor e engenheiro da insignificante cidade de Vinci?

— Leonardo! — chamou Salaì, já montado no cavalo.

Ele virou as costas ao cavalo de barro e atravessou a rua caótica. Quando se mudara para Milão, tinha 30 anos, e começara a criar reputação como engenheiro, cientista, inventor, diretor de fantásticos eventos sociais e, claro, pintor. Em Milão, tornara-se um velho mestre. Pensara morrer nessa grandiosa cidade. Montou o seu cavalo e acenou a Salaì. Lado a lado, galoparam para fora dos muros que protegem a cidade e penetraram nos arredores inóspitos. Ninguém sabia o que o futuro reservava à cidade, ou à península devastada pela guerra, enquanto reis, duques e papas combatiam pelo território. Ninguém sabia o que o futuro reservava a Leonardo. Apenas uma coisa era certa: o mestre oriundo de Vinci precisava de encontrar um novo lar, um novo patrono, uma nova vida e um novo legado.

1500



Miguel Ângelo

Janeiro • Roma

Enquanto esperava que a estátua fosse destapada, Miguel Ângelo Buonarroti sentia o seu mundo inclinar-se. Depois, a sua visão enevoou-se. Olhou rapidamente em volta, na esperança de se orientar, mas as colunas de mármore, as traves de madeira do teto, os frescos com folhas de ouro, tudo girava em torno dele. A sua visão periférica começou a escurecer. Surgiram pontos negros. Ele sentia-se a cair e encostou-se à fria parede de pedra.

Lembrou-se de respirar, e os pontinhos negros começaram a desvanecer-se lentamente.

Nenhuma das suas esculturas fora alguma vez revelada num grande evento público. Onde quer que acontecesse, este teria sido sempre o momento mais importante da sua carreira. Mas esta não era uma localização qualquer. Era o maior palco de toda a cristandade: a Basílica de São Pedro.

Que lamentável era, pensou, que a vasta basílica de três pisos se tivesse deteriorado tanto ao longo dos últimos 1200 anos. Ao longo da parede ocidental, o teto com empena de madeira estava a ruir, e várias colunas se apresentavam rachadas. Um pedreiro inexperiente erguera uma parede tosca para sustentar a estrutura, mas um dos lados continuava a desmoronar-se. O vento soprava através de rachas abertas, e faltavam mosaicos no chão de mármore. Porém, apesar dos danos, ele conseguia sentir a alma da igreja dentro daquelas paredes.

O Vaticano estava, nessa manhã, apinhado de peregrinos. Era um ano de Jubileu, em que o papa concedia perdão a qualquer pecador que atravessasse as portas da basílica, pelo que milhares convergiam para

Roma, para rezar e confessar os seus pecados. Nesse dia, na capela de Santa Petronilla, testemunhariam também a revelação da nova estátua de um jovem escultor desconhecido.

Miguel Ângelo acreditava ter criado algo de especial, mas precisava de aguardar para saber se comoveria as massas. Dentro de alguns momentos, seria proclamado um êxito genial ou desdenhá-lo-iam como um fracasso. Introduziu as mãos nos bolsos da túnica. No fundo de ambos havia pequenas pilhas de pó de mármore. Apertou o pó com as mãos e esfregou os grãos entre os dedos. O ritual mantinha-o calmo.

Sendo um desmazelado jovem de 24 anos, Miguel Ângelo sabia que tinha uma aparência grosseira. Era baixo e forte, com músculos desenvolvidos ao longo de anos a cortar pedra. O cabelo preto era áspero, tinha as mãos cobertas de calos e um nariz que fora achatado na infância durante uma rixa com um companheiro aprendiz invejoso do seu talento. Não se ralava com o que os outros pensavam da sua aparência; lavava-se uma vez por mês e usava as roupas de um pedreiro: uma túnica de linho comprida, calças largas e botas pesadas. Mas tinham-lhe dito que o brilho dos seus olhos castanhos era tão intenso, que a maioria dos que o conheciam não reparava na sua roupa nem no seu cheiro. Em geral, ficavam demasiado absorvidos pela sua paixão.

O arcepreste da Basílica de São Pedro, com as suas vestes pretas a restolharem pelo chão de mármore, deslizou por entre a massa de peregrinos. Acercando o nariz bicudo do ouvido de Miguel Ângelo, sussurrou:

— Estás pronto, meu filho?

Miguel Ângelo tentou falar, mas tinha a voz presa. Assentiu silenciosamente com a cabeça. Enquanto o arcepreste murmurava uma bênção, uma camada de suor frio formou-se na testa e por cima do lábio do escultor, e, quando o arcepreste segurou a corda que pendia sobre a estátua, os ouvidos do jovem começaram a zunir. Apertou os punhos em torno dos montinhos de pó de mármore até enterrar as unhas nas palmas das mãos. As pessoas, provavelmente, odiariam a estátua. Não a compreenderiam. Iriam trocar dela, amaldiçoá-la, amaldiçoá-lo.

O arcepreste puxou a corda.

O grosso reposteiro preto tombou no chão, desvendando a colossal estátua de mármore da Virgem Maria embalando Cristo crucificado.

Quando Miguel Ângelo tinha 6 anos, a mãe morreria durante o parto. Ele era o segundo mais velho de cinco irmãos, por isso a mãe estivera quase sempre demasiado grávida para lhe prestar grande atenção, e ele passara os primeiros dois anos com uma ama de leite, como era habitual. Embora a mãe tivesse sido uma figura distante, a sua morte quebrara-lhe o coração. Esta escultura era uma expressão dessa dor: mãe e filho, sozinhos no seu sofrimento, presos numa massa de sombra e luz, entrelaçados para sempre, embora separados. A pedra branca brilhava de tão polida. O corpo de Jesus jazia, frouxo, no regaço da mãe. A sua pele ondulava com a vida que acabara de perder. O vestido de Maria descia em cascata até ao chão, em fundas pregas, e a sua expressão serena revelava resignação perante o destino divino.

Pela primeira vez, o público via a *Pietà* de Miguel Ângelo.

A multidão estava silenciosa. Miguel Ângelo examinou os rostos inexpressivos, mas não conseguia perceber o que pensavam ou como se sentiam. A sua cabeça latejava, era incapaz de respirar e a pressão acumulava-se-lhe no peito.

Dois anos antes, quando o cardeal francês Jean Bilhères de Lagrulas o contratara para esculpir uma *Pietà* de mármore para o seu túmulo, Miguel Ângelo já havia esculpido algumas peças para sua própria edificação e até já havia sido pago por um Baco de grandes dimensões, mas nunca recebera uma encomenda de tamanha categoria. Apesar da sua inexperiência, garantira por escrito que esculpiria a mais bela estátua jamais produzida em Roma. Se alguma vez viesse a cumprir a sua promessa de se tornar um grande escultor, a estátua de uma mãe e de um filho seria a sua melhor hipótese.

Durante dois penosos anos, Miguel Ângelo labutara sobre o gigantesco bloco de mármore. Esquecia-se muitas vezes de comer, beber ou dormir. No primeiro inverno, sentira-se doente, mas continuara a trabalhar febrilmente. Durante o primeiro ano, o cardeal Bilhères passava frequentemente pelo estúdio de Miguel Ângelo para verificar os progressos, elogiando o que via emergir do mármore. Mas o velho cardeal falecera entretanto, sem nunca ter visto a escultura concluída e sem a ter consagrado como um sucesso. Miguel Ângelo dependia agora de estranhos para decidirem se se tratava de uma obra-prima ou não.

E agora, alguns agonizantes momentos após a revelação, a audiência continuava a fitar em silêncio a sua criação. Miguel Ângelo cravava as unhas nas palmas das mãos.

Finalmente, um peregrino de cabelos ruivos tombou de joelhos.

— *Grazie mio Dio*.

Depois, uma jovem mãe que segurava duas crianças lançou-se ao chão em oração. Logo de seguida, toda a congregação explodia em elogios. Alguns soluçavam, outros cantavam, muitos murmuravam a sua sentida adoração. Houve quem permanecesse sentado num silêncio perplexo, enfeitiçado pela beleza da estátua.

Miguel Ângelo criara a sua primeira obra-prima.

Foi invadido pelo alívio. Os pontinhos negros desvaneceram-se e a sua visão clareou-se. Quando era bebé, os pais tinham-no enviado para as pedreiras em torno de Settignano, onde Miguel Ângelo fora criado pela mulher de um pedreiro de mármore. As suas primeiras memórias eram de homens a arrancar lajes brancas da terra, do som de martelos metálicos a baterem na pedra e do sabor do pó de mármore na língua. Passar os primeiros dois anos de vida entre esses cortadores de pedra e beber o leite da mulher de um dera-lhe uma inextinguível sede de mármore. Sacrificara toda a sua vida à escultura. Não tinha mulher, não tinha noiva, não tinha filhos, não tinha passatempos e, agora, colheria finalmente os frutos dessa obsessão.

— Quem a esculpiu? — ouviu um peregrino perguntar a outro.

Miguel Ângelo susteve a respiração e preparou-se para sentir o delicioso formigueiro que certamente lhe subiria pela coluna ao som do seu nome.

— O nosso Gobbo, de Milão — respondeu o outro peregrino.

Miguel Ângelo ficou com a garganta apertada. Que acabara de dizer o peregrino?

Antes que pudesse impedi-lo, aquele nome varreu a multidão, como o rio Arno a inundar a terra toscana depois de uma chuvada: «Gobbo, Gobbo, Gobbo», murmuravam os peregrinos, até que toda a gente parecia entoar esse nome. Gobbo, um escultor milanês corcunda, de segunda categoria. Gobbo, cujas figuras eram estáticas e carregadas, praticamente deformadas. Gobbo, que não teria talento sequer para esculpir

o pedestal da *Pietà*. Miguel Ângelo labutara a vida inteira para erguer o nome da sua família através da arte, e agora aqueles tolos atribuíam a sua obra-prima a esse preguiçoso e herege sem talento.

Quando Miguel Ângelo estava ainda no ventre da mãe, esta caíra do cavalo e fora arrastada vários minutos atrás do animal. Os médicos previram que o bebê não sobrevivesse, mas, inexplicavelmente, ele resistira. Para celebrar esse milagroso nascimento, os pais tinham-lhe concedido um nome único e divinamente inspirado: Miguel Ângelo, aquele que é protegido pelo arcanjo Miguel.

Com certeza Deus não o salvara, atribuindo-lhe um nome raro e belo e incutindo-lhe um desejo inquebrantável de esculpir mármore, para depois permitir que os créditos da sua obra-prima fossem usurpados por Gobbo, aquele impostor sem mérito.

Miguel Ângelo estava tão zangado quanto enjoado. A igreja rodopiava em torno de si e o teto parecia desabar. Não via em parte alguma o arcepreste, que podia revelar o seu nome à multidão. Tinha de arranjar uma maneira de garantir que ninguém atribuiria a sua escultura a outro que não ele. Mas como?

Então, ocorreu-lhe uma ideia, tão perfeita que só podia ter sido enviada do céu. Para que os planos de Deus para a sua vida se endireitassem, ele tinha de inscrever o seu nome diretamente na *Pietà*, para não restarem dúvidas sobre quem a esculpira.

Havia apenas um problema. Miguel Ângelo já não era proprietário da *Pietà*. Esta pertencia à igreja. Ele não podia simplesmente avançar sobre ela e cinzelá-la. Alguém o impediria. Talvez fosse até preso. Não, para gravar o seu nome na escultura, teria de o fazer à noite, quando todos os crentes tivessem partido, as portas estivessem fechadas e trancadas e os padres estivessem a dormir.

E, para isso, Miguel Ângelo teria de invadir o Vaticano.

Miguel Ângelo espreitou para fora do seu esconderijo, atrás de um túmulo no lado em ruínas da capela. Finalmente, estava tudo em silêncio. Escuro. Ordenou a si próprio que parasse de se obcecar com o que aconteceria se fosse apanhado a vandalizar propriedade da igreja. Estava a proteger o seu nome de família. Correria qualquer risco.

— Meu Deus, por favor, perdoa-me — murmurou, ao sair de detrás do túmulo, atravessando a nave na penumbra. Tirara as botas para abafar os passos e segurava a sacola de couro firmemente de encontro ao corpo, para evitar que as ferramentas de metal chocalhassem.

Na capela de Santa Petronilla, um feixe de luar projetava um suave brilho azul através da sua *Pietà*. Tinham passado semanas desde a última vez que estivera sozinho com Maria e Jesus. Enquanto se preparava para a inauguração, estivera sempre rodeado por padres ou peregrinos. Agora, porém, na igreja silenciosa, ele ouvia o sussurro do mármore. Sempre que esculpia, o mármore falava com ele, uma comunhão entre a sua alma e a alma da pedra. A *Pietà* falara, entoara e cantara para ele a todas as horas do dia e da noite. Agora estavam de novo sozinhos, reunidos como velhos amigos. Abrindo o saco, despejou as ferramentas no chão. Estas retiniram sonoramente.

— *Cavolo* — silvou Miguel Ângelo.

Susteve a respiração, preparando-se para ser apanhado por alguém que entrasse a correr na igreja, mas o único som que ouviu foi um sopro de vento que entrou por uma fenda na parede. Aparentemente, o matraquear das ferramentas não acordara ninguém.

Miguel Ângelo pegou num martelo e num cinzel e trepou para a sua *Pietà*. Uma escuridão granulosa obscurecia-lhe a visão, mas ele trabalhara naquela estátua durante dois longos anos. Mesmo que tivesse cegado, conheceria cada um dos seus grãos.

Percorreu com as mãos a pedra e encontrou a familiar fita de mármore que cruzava o peito da Virgem. Deslizou o cinzel para baixo e para a esquerda e pegou no martelo para fazer o primeiro talhe.

Depois de começar, não podia parar e deixar meia palavra garatujada na pedra. Se fizesse apenas uma simples marca na estátua perfeitamente polida, tinha de terminar, ou teria arruinado em vão a sua obra-prima.

Miguel Ângelo investiu. O martelo embateu no cinzel. A lâmina fez um *tum* ressoante na rocha. O barulho ecoou pela igreja cavernosa, muito mais sonoramente do que ele previra. Um medo frio apertou-lhe o peito, mas agora não podia parar.

Clang, tum, clang, tum, clang, tum.

O pó de mármore rodopiava e pousava nas suas roupas e no seu cabelo. Suor misturado com sujidade criavam uma pasta cinzenta que lhe escorria para os olhos e fazia comichão.

O rosto sereno da Virgem Maria olhava-o de cima. Ele parou de martelar. O silêncio envolveu-o e ele aguardou que a Senhora o repreendesse por lhe cortar o peito. A maioria das pessoas acreditava que o mármore não passava de rocha inerte, mas Miguel Ângelo sabia que a vida lhe corria nas veias, como o sangue pulsa no coração dos homens. Ele sussurrava para Maria, mas, por vezes, nem ele sabia bem o que dizia quando falava a linguagem da pedra.

Um movimento chamou-lhe a atenção. Seria um roedor a correr pela nave? Um pássaro preso nas traves? Uma nuvem a passar diante da Lua? Depois, viu o contorno de uma figura segurando um archote a deslizar pela nave lateral mais distante, fora da capela. O som maníaco do cinzel na pedra devia ter acordado os padres.

Miguel Ângelo saltou do seu poleiro e escondeu-se num recesso em arco, esperando que as pesadas sombras o ocultassem. Quando voltou a olhar, viu algo que lhe causou um aperto no estômago.

As suas ferramentas continuavam junto à base da escultura. Prova-riam ao padre em patrulha a presença de um intruso. Se Miguel Ângelo fosse apanhado, poderia ser excomungado, arrastado e esquartejado, ou enforcado. O papa amaldiçoá-lo-ia pelos seus pecados. A sua pele arrancada arderia eternamente no inferno de Dante.

Ele não tinha tempo para recolher as ferramentas. O padre avançava rapidamente, subindo e descendo corredores. Miguel Ângelo acreditava que os homens de Deus tinham a capacidade de ouvir o medo e, naquela igreja silenciosa, o seu pânico devia soar como um trovão. Inspirou fundo e susteve a respiração.

O padre rodeou o extremo oposto da abside e começou a subir o transepto na direção dele, abanando a tocha junto de cada recanto escuro. Miguel Ângelo contou os passos que se aproximavam, cada um deixando-o um passo mais perto da captura.

O clérigo chegou à capela de Santa Petronilla. Miguel Ângelo avistou um rosto severo, de pele enrugada e flácida, espreitando sob um capuz. O idoso parecia da espécie mais severa e implacável.

O padre examinou a estátua. O seu olhar deslizou para a incriminatória pilha de ferramentas. Ao recuar ainda mais no recesso, Miguel Ângelo bateu com a cabeça numa pequena prateleira de metal colocada mesmo por cima dele. O metal embateu ruidosamente de encontro à pedra.

O padre virou o archote na direção do som. A luz voou através da capela em direção a Miguel Ângelo, que fechou os olhos com força. O calor da tocha atravessou-lhe a cara. Esperava ouvir um grito de surpresa, mas, em vez disso, o calor passou por cima de si sem parar. Entreabriu um olho a tempo de ver um rato correr sobre o pé do padre, calçado com uma sandália. O padre gritou e agitou a tocha na direção do animal.

— Ratos!

Enquanto o rato voltava a refugiar-se na escuridão, o padre olhou em volta, mas pareceu satisfeito com a busca e ansioso por escapar aos roedores. Apressadamente, desapareceu pela porta de trás.

Miguel Ângelo estava novamente sozinho. Respirou pesada e roucamente.

Aquele rato, pensou, devia ser o Espírito Santo, enviado para afugentar o clérigo. Deus, mais uma vez, abençoava-o, a ele e à sua arte.

Miguel Ângelo saiu do esconderijo e voltou ao trabalho. Periodicamente, um padre vinha verificar a igreja, mas ele conseguia sempre escapular-se para o esconderijo sem ser apanhado. Sabendo que se encontrava sob proteção celestial, demorou-se a conceber cada uma das ornamentadas letras romanas e até passou uma hora adicional a polir as palavras latinas: *Michael Angelus Bonarotus Florent Faciebat*.

Feito por Miguel Ângelo Buonarroti de Florença.

Miguel Ângelo completou o trabalho e escondeu-se atrás de um sarcófago momentos antes de os cardeais encherem a igreja para a missa da manhã, uma cerimónia privada em que a elite da igreja se podia reunir antes de abrir as portas ao público. Alguns minutos após o início do serviço, ouviu um murmúrio de excitação percorrer a congregação, mas não espreitou, temendo ser avistado. Em vez disso, ficou silenciosamente escondido, aguardando a oportunidade de sair sem ser visto.

Depois do serviço, os padres abriram as portas da frente e receberam as multidões de peregrinos no interior da igreja. Miguel Ângelo esperou até o edifício estar cheio, deslizando então para fora do esconderijo e juntando-se à multidão. A camada de pó de mármore ajudou-o a passar despercebido. Os viajantes estavam cobertos de pó da estrada.

Ao passar diante da sua *Pietà*, caminhou vagarosamente para ouvir as conversas. Os peregrinos provavam todos um nome novo e único nas suas línguas. «Miguel Ângelo Buonarroti», murmuravam, transmitindo o seu nome de pessoa para pessoa. Miguel Ângelo corou de prazer.

— Um dia, aprenderás a deixar que a tua arte fale por si mesma.

Miguel Ângelo virou-se e viu Jacopo Galli, o abastado banqueiro romano que o recomendara ao cardeal Bilhères para executar a *Pietà*, caminhando ao seu lado. A Miguel Ângelo agradou que o amigo estivesse ali, para testemunhar o seu triunfo.

Jacopo empinou o queixo para a *Pietà*.

— Mas, entretanto, devo admitir que, quando ele a viu esta manhã, ficou... — Fez uma pausa, como se saboreasse um pingo de mel na língua. — Impressionado.

— Quando a viu, quem?

— O papa, claro.

Miguel Ângelo fitou-o. Ouvira corretamente, ou teria Jacopo começado, de repente, a falar uma língua desconhecida? Alexandre VI era famoso pela sua corrupção sedenta de poder e pelos seus fervorosos desejos sexuais, mas era também o chefe reverenciado da Igreja Católica, a mais próxima conexão do homem aos céus. Um elogio do papa ao seu trabalho era equivalente ao envio por Deus da aprovação divina.

— Sua Santidade queria ver a tua *Pietà* sem ser estorvado pelas massas — explicou Jacopo, acenando a um cardeal que se encontrava perto. Jacopo andava sempre a tramar alguma coisa com alguém importante. — E o arcepreste convidou-me, esperando que eu fosse capaz de elogiar o teu trabalho árduo e talento...

Então fora por isso que houvera uma comoção na missa da manhã, percebeu Miguel Ângelo. O papa assistira.

— O que disse ele?

— Elogiou-a pela sua beleza. Disse que o movia à caridade divina. E todos sabemos que isso é um feito impressionante para este Santo Padre. Até se riu do teu ego, por a teres assinado. Disse que lhe fazias lembrar César.

O estômago de Miguel Ângelo revirou-se. César Bórgia era filho ilegítimo do papa e um notável tratante. Criado para a Igreja e elevado à posição de cardeal aos 18 anos, César tornara-se o primeiro homem da história a renunciar ao chapéu cardinalício, uma rebelião imperdoável, na opinião de Miguel Ângelo. E, pior ainda, de acordo com os rumores, César matara o irmão, consumara o amor que sentia pela irmã e matara o marido desta por ciúmes. Atualmente, chefiava o exército do papa, num avanço sedento de sangue através da península, para conquistar o controlo das terras papais revoltosas. Ser comparado ao infame César Bórgia não era um elogio, a menos, claro, que essa comparação fosse feita pelo seu pai, o papa.

— *Il Papa* disse que tu és todo coração e paixão — continuou Jacopo. — Uma arrogância encantadora, creio que foi o que lhe chamou. Ele disse, deixa-me ver, o que é que ele disse exatamente...

Miguel Ângelo segurou com força a alça da sacola de couro, aguardando que Jacopo recordasse as palavras exatas.

— Disse: «Creio que Miguel Ângelo Buonarroti um dia dará que falar.» Deu a entender que, se continuares assim, Sua Santidade até poderá contratar-te. Não seria fantástico? Trabalhar para um papa...

Miguel Ângelo tombou de joelhos.

Viera para Roma quatro anos antes, na esperança de conquistar reputação na antiga capital. A Cidade Eterna excitava-lhe a imaginação. Ruínas antigas, enterradas por centenas de anos, eram agora escavadas aos poucos. Colunas de mármore e arcos triunfais encontravam-se parcialmente expostos, os seus topos deteriorados erguendo-se da poeira como lápides. Todos os dias um novo edifício, uma estátua ou um artefacto era desenterrado. E o antigo Fórum Romano era o lar perfeito para um artista que quisesse estudar, copiar e imitar a arte dos antigos. Não obstante a arte grandiosa, Roma desapontara-o. A outrora poderosa capital era agora uma cidade rural, pequena e suja, pejada de prostitutas, mendigos e ladrões. Corpos de executados pendiam nos cadafalsos,

apodrecendo durante semanas, como aviso para quantos considerassem enveredar pelo crime. Para um homem acostumado à beleza refinada de Florença, a vulgaridade de Roma era chocante. Miguel Ângelo tivera vontade de fugir mal chegara, mas não podia voltar para Florença como um falhado. Alardeara junto da família que se tornaria um grande mestre em Roma. Ou voltava a casa bem-sucedido, ou nunca voltaria.

Muito embora ele tivesse sonhado com o seu triunfo em Roma, nunca imaginara receber o elogio do papa.

— Sua Santidade sabe o meu nome?

— Claro que sim — disse Jacopo, tomando a mão do amigo para o fazer levantar-se. — Os peregrinos espalharão a notícia, de ti e da tua *Pietà*, por toda a península, e até mais além, junto dos bárbaros. Como os franceses.

— E em Florença?

— Em Florença, farão desfiles em tua homenagem.

Miguel Ângelo segurou Jacopo pelos ombros e beijou-lhe ambas as faces.

— Obrigado, *mi amico*. Vem. Ajuda-me a fechar a minha oficina. Está na altura de voltar a Florença. Afinal, a honra sempre teve mais valor em nossa casa.

Leonardo

Inverno • Mântua

Leonardo acendeu a última mecha. Ele e Salaì tinham procurado proteção atrás de uma cerca de madeira, enquanto seis barris de metal disparavam projéteis.

Estes assobiavam pelos ares e explodiam em fogos de artifício da cor do ouro e da prata. Enquanto choviam faíscas, a população de Mântua aplaudia. Apesar de ser uma noite fria, tinham-se reunido todos no exterior do Palazzo Ducale para darem as boas-vindas ao duque Valentino, César Bórgia, comandante dos exércitos papais, à sua cidade.

— Trata-se de uma engenhoca extraordinária — disse César Bórgia, apontando para o lançador de fogos de artifício composto pelos vários barris.

Leonardo ouvira rumores de que a pele de César estava frequentemente coberta de bexigas púrpura, um sintoma da doença francesa, mas nessa noite não lhe viu qualquer sinal dessa aflição, nem quando os fogos lhe iluminaram o rosto. O duque era indiscutivelmente bonito — alto e musculoso, com olhos do mais puro azul-ultramarino.

— Bem, o nosso mestre é bastante extraordinário — disse Isabella d'Este, aninhando a mão familiarmente na dobra do cotovelo de Leonardo. Ela estava bastante roliça, até mesmo para ela. O marido andara atarefado, durante a sua última estadia prolongada em casa, deixando grávida Isabella e outras três senhoras locais.

Leonardo pousou a mão em cima da dela.

— Aceito de bom grado o cumprimento de uma tão bela mecenas.

Após a fuga de Milão, Leonardo e Salai sabiam que não podiam permanecer no campo durante muito tempo. Era demasiado perigoso. A península italiana não era um país pacífico e unificado, mas uma coleção de cidades-estado e reinos em luta. O exército francês invasor marchava pela península para reclamar Nápoles. A oeste, Florença travava uma guerra perpétua com Pisa, enquanto a leste a república de Veneza guerreava com toda a gente. E César Bórgia, comandando o exército papal do pai, começara recentemente a sua incursão através da Romanha. Necessitando de um refúgio seguro, Leonardo pôs-se a caminho da cidade-estado de Mântua, governada pela sua amiga de longa data — a feroz ruiva *Marchesa* Isabella d'Este — e pelo seu marido.

Enquanto viveu em Milão, Leonardo tornou-se amigo de Isabella, que viajava frequentemente para o norte, onde visitava a irmã mais nova, Beatrice, casada com *Il Moro*. Sempre que Isabella visitava a corte, insistia em sentar-se ao lado de Leonardo durante o jantar, para discutir arte, política e natureza pela noite dentro. Quando Beatrice morreu, Leonardo e Isabella trocaram sentidas cartas de dor.

Desde a invasão francesa de Milão que Leonardo não se correspondia com a senhora, mas acreditava que ela o receberia de braços abertos na sua cidade. Tinha razão.

Assim, há mais de um mês que servia como engenheiro chefe de Mântua e, nessa noite, tinha a missão de impressionar César Bórgia. Isabella ansiava por manter Mântua nas boas graças de César; não precisavam do filho do papa como inimigo.

— A ideia para este aparelho surgiu-me enquanto compunha uma canção na harpa — explicou Leonardo, quando César ultrapassou a barreira defensiva para inspecionar o lançador múltiplo. — O que pensei foi o seguinte: se um instrumento musical pode emitir múltiplas notas ao mesmo tempo, porque não poderá um lançador descarregar múltiplos projéteis ao mesmo tempo?

— Mas eu nunca tinha visto pirotecnia ser lançada ao ar... — disse César.

Salai lançou a Leonardo um olhar triunfante. Marco Polo trouxera os fogos de artifício do Oriente há mais de 200 anos, mas ainda eram

considerados novos e experimentais. A maioria das exibições pirotécnicas era pequena e segura: erupções de faíscas que nunca saíam do chão. Mas Leonardo preferia o mais perigoso método de lançar os projéteis bem alto e ver as cores escorrerem dos céus.

— Percebe agora a vantagem que Mântua obteve por empregar o nosso querido Leonardo. — Todas as palavras de Isabella pareciam fazer parte de um jogo de sedução.

— Só não consigo acreditar que o tem junto de si há mais de um mês e ele ainda não a pintou. — César ergueu uma sobrancelha. — Será que se julga acima do patrocínio de uma simples marquesa? Afinal, está acostumado a servir duques e duquesas.

— A minha marquesa é muito mais generosa do que qualquer duque ou duquesa que tenha conhecido — disse Leonardo.

— Ouviu-o, duque Bórgia? — Isabella enfatizou demasiado a palavra «duque».

— Além disso, porque desperdiçaria o meu tempo a pintar, quando posso iluminar o céu de Mântua? — perguntou ele. Ainda havia fumo dos fogos a pairar.

Bórgia virou os olhos azuis para Leonardo.

— Diga-me, então. Tem outras invenções deste género?

— Claro. Posso levá-lo ao meu estúdio...

— Peço desculpa, duque Bórgia — interrompeu Isabella, com os olhos frios e impenetráveis como vidro vulcânico. — O seu interrogatório terá de esperar. Preciso do conselho do meu mestre.

— Acha possível, aquele homem a tentar roubar-mo?

A fúria de Isabella ecoava nas paredes enquanto ela conduzia Leonardo pelos últimos degraus da torre do velho Castello di San Giorgio.

— Ninguém me pode roubar de si, minha senhora. — Leonardo seguiu-a para os seus aposentos privados.

— Escreva o que lhe digo, aquele homem pretende aproveitar-se dos seus talentos.

Isabella abriu as portas do *studiolo* onde guardava a sua coleção de arte e era muitas vezes anfitriã de discussões animadas sobre humanismo, literatura e política. A sala era como um ninho de pega,

cheia de tesouros, desde estátuas de bronze e de mármore a pinturas contemporâneas e antigas; pilhas de manuscritos com iluminuras e livros recentemente encadernados; miniaturas de ouro e prata empilhadas em mesas antigas e até uma coleção de peles secas, colmilhos e chifres de animais. Além de colecionadora de arte, a marquesa tinha reputação de caçadora audaz.

— Nunca permita que esse monstro do Bórgia lhe deite as garras, Leonardo. Sabe Deus o que o obrigaria a fazer — concluiu, enquanto se afundava num cadeirão de costas altas revestido a ouro. — Mas sabe o que me incomoda mais em relação a esta noite? É que aquele déspota expôs o meu segredo. As minhas intenções em relação a si já não podem ser negadas.

Ele susteve o olhar dela.

— Sabe que não lhe negaria nada, minha senhora.

No confinado espaço do estúdio, ele sentia o seu aroma a alfazema e pêssegos.

— Planeava dedicar mais alguns meses a alimentar o seu ego, deixando-o divertir-se com os brinquedos militares do meu marido. Mas agora precisa de saber porque desejo tanto que aqui esteja.

Ele deu um passo em frente.

— Pelos meus talentos com o alaúde?

Ela abanou a cabeça.

— Pela minha lendária destreza a atar e desatar nós?

Ela riu.

— Pelo requinte com que me sento numa sela?

— Pinte-me, Leonardo. — Ela chegou-se para a frente na cadeira.

— Desejo-o desde que o vi encostar o pincel a uma superfície.

— Oh, isso. — Ele abanou a mão desdenhosamente. — O seu marido apenas mencionou torres, fossos e estábulos.

Leonardo acercou-se de uma série de painéis pintados, encostados a uma parede, e foi-os passando um a um. Ali encontrou cópias medíocres de obras-primas: *São Francisco Recebe os Estigmas*, de Giotto, *O Pagamento do Tributo*, de Masaccio...

— Cavalos, prostitutas e guerras são as paixões do meu marido, não as minhas. E, como ele me deixa à frente de tudo mais tempo do

que o que passa aqui... — Ela levantou-se e atravessou a divisão na direção dele. — Além disso, carrego neste momento o herdeiro do trono de Gonzaga, se Deus quiser, pelo que a minha vontade prevalece. — Ela já tinha uma filha, mas previra que, desta vez, seria um rapaz. — Sempre que ponho uma joia no prego para comprar uma pintura, vale bem o sacrifício.

— Porque guarda esta porcaria? — Leonardo retirou da pilha uma cópia barata da sua *A Última Ceia*. — Santo Deus. Quem pintou isto? — Virou-se para a encarar. Ela corou. — Conhece melhor o meu fresco do que este... este tolo sem talento, seja lá quem for. Durante as suas visitas a Milão, observou-me a desenvolver o desenho. Ficava ali sentada, enquanto eu aplicava o pigmento na parede.

Ela retirou-lhe a cópia das mãos.

— Fascinou-me. — Ela vira-o sobrepor formas geométricas sobre os rostos e as figuras, para aplicar a estética da matemática. Pedira-lhe que lhe explicasse as linhas de perspetiva no teto e as três janelas que representavam a Trindade. Ele falara-lhe até da partitura secreta escrita nos pães e pratos em cima da mesa. — Quando a minha irmã morreu, as minhas visitas ao norte cessaram. Nunca vi o produto final. Isto é tudo o que tenho. — Deu uma gargalhada repentina. — Mas tem razão. Estas figuras são inexpressivas.

— Deixe-me queimá-lo. — Ele tentou arrebatá-lo a reprodução, mas ela foi mais rápida. Isabella riu-se e escondeu a pintura atrás de si enquanto corria pelo estúdio, contornando bustos de imperadores romanos.

— Como consegues? As figuras que cria parecem sempre tão vivas, é como se pagasse a modelos para se sentarem e posarem dentro das suas molduras o dia inteiro. — Olhou-o, por trás de uma mesa repleta de cerâmica antiga, cor de laranja e preta. — É impossível.

— Depois de ser golpeada pelo aço — contou ele, movendo-se vagarosamente em torno da mesa na direção dela —, a pederneira gritou: «Porque me atacas? Eu não te fiz mal.» E o aço respondeu: «Sê paciente e vê as coisas maravilhosas que consegues fazer.» E então a pederneira, pacientemente, deixou-se ser golpeada, até que finalmente deu à luz o fogo. Assim acontece comigo. Através de uma

paciência inquebrantável, também eu aprendi a alcançar resultados maravilhosos. Nada é impossível.

Isabella ergueu o olhar para ele.

— A minha irmã nunca conseguiu que pintasse o seu retrato, pois não? Porquê?

— Minha querida Isabella — disse ele, estendendo a mão e percorrendo-lhe com o dedo a linha do queixo. — Sabe que não me é permitido comentar as vidas privadas dos meus patronos.

— Uma máquina dessas deixá-lo-ia sem trabalho. — Isabella, embrulhada numa pele de javali, estava deitada no chão do seu *studiolo*. Leonardo acabara de se escapulir do seu abraço para a desenhar. Ele não sabia porque acabava tantas vezes na cama com os seus modelos.

— Talvez — respondeu, encostando-se a uma pesada estátua de Apolo em bronze e puxando um tapete, uma relíquia de família embarcada da Turquia, para tapar o regaço nu. — Mas imagine só: uma máquina que conseguisse captar a imagem de uma pessoa num instante, tão fiel à realidade que não houvesse diferenças discerníveis entre a pessoa e essa imagem. Cientistas, artistas e engenheiros teriam a possibilidade de manter um nível extraordinário de objetividade. — Abriu o seu caderno e folheou-o até uma página meio cheia de desenhos de cavalos, vários poliedros e uma lista dos pertences que trouxera consigo de Milão. — Não me importava de não ganhar nem mais um *soldi* como pintor de retratos se pudesse usar um aparelho desses. Só uma vez.

— Porém, se as máquinas, e só as máquinas, forem responsáveis pela duplicação de imagens, a conexão humana desaparecerá completamente. A humanidade será destruída.

Com um traço, Leonardo desenhou-lhe a linha do queixo.

— Aproximar-se demasiado obscurece a visão.

— Manter tanta distância é não só ignorante como perigoso.

Se ao menos a sua família pudesse vê-lo agora, o campónio de Vinci debatendo as implicações morais de uma das suas potenciais invenções com a bisneta do rei de Nápoles. Quando iniciara a sua carreira, um pintor não passava de um trabalhador da classe baixa,

mas ele contribuíra para a mudança dessa percepção. Agora, um pintor era um homem cuja opinião não apenas contava como era procurada. Profissão sem valor, pois claro, pensou ele.

— Alcançar a adequada objetividade científica é fundamental para todo o conhecimento, minha senhora. É por isso que quero voar.

— Quê?

— Voar.

Isabella arregalou os olhos.

— No ar? Como um pássaro?

Ele assentiu com a cabeça.

— Está a brincar.

Leonardo abanou a cabeça.

— O rei Luís compreende o valor de tal concretização. — Leonardo levantou a mão esquerda e rodou o enorme pássaro incrustado de joias do seu anel. — Foi ele quem mo deu, tirando-o do seu próprio dedo. As pedrarias são da coleção real. — Se o quisesse vender, render-lhe-ia milhares de ducados. — O rei afirmou que demonstrava, assim, o seu apoio às minhas ambições e que esperava que, quando eu aprendesse a voar, levasse essa arte para França. — O anel era o seu amuleto da sorte; enquanto o usasse no dedo, não duvidava de que, um dia, voaria. — Claro que, se a senhora e o seu valoroso marido apoiassem as minhas experiências, a invenção nunca seria levada para França, minha senhora. Tem a minha palavra. Seria toda vossa.

— O senhor não é um pássaro. É um pintor.

— Sou muito mais do que apenas um pintor. — Leonardo captou rapidamente a maneira como as pálpebras emolduravam os olhos de Isabella, como uma ostra contendo uma pérola. — Que outra razão teria Deus para me dar tal anseio de fazer perguntas acerca de tudo: corpo, mente, luz, água, números, estrelas? Os meus interesses não me distraem da minha arte, antes a alimentam. A música alimenta a matemática, que alimenta a ciência, que alimenta a pintura. A única maneira de criar algo único é estabelecendo conexões entre coisas aparentemente díspares. Se eu me focar unicamente nela, a minha arte morrerá.

Isabella escolheu uma fina coroa de ouro da sua coleção e colocou-a na cabeça.

— Mas não suportarei que tombe dos céus e morra enquanto trabalha para mim. Além disso, de todas as pessoas que conheço, o senhor seria verdadeiramente capaz de lograr tal impossibilidade, mestre Leonardo. E, se aprender mesmo a voar, pode decidir voar para longe de mim. Assim, a ordem da sua marquesa é que cessem os voos. Só pintura. É isso que tem de fazer.

— Nunca aceitaria tal ninharia. Quero mais. Hei de querer sempre. A partir dali — apontou para os céus —, poderia estudar as árvores, os rios, a terra, toda a humanidade. E a melhor maneira de verdadeiramente compreender alguma coisa é estudá-la de uma distância apropriada.

— O senhor e a sua obsessão pela objetividade — disse ela. — Se insistir em manter a sua distância de tudo e de todos, como terá esperança de alguma vez sentir amor?

— Se alguma vez der por mim a senti-lo, *signora*, desprender-me-ei dele para o estudar com objetividade, asseguro-lho.

— E, ao fazer isso, destruirá exatamente aquilo que tenta estudar — replicou Isabella, deixando que a pele de javali lhe escorregasse dos ombros. — O amor não pode existir à distância.

Depois de Isabella partir para entreter de novo César Bórgia, Leonardo ficou sozinho no *studiolo*. Era uma sala bonita, cheia de belos objetos. Se ele ficasse, tornar-se-ia um daqueles objetos de coleção, bem polido, adorado e muito comentado. Ficaria gordo e preguiçoso, fazendo pintura após pintura e desfrutando de relações íntimas sempre que o marido de Isabella estivesse ausente. Seria uma vida fácil.

No dia seguinte, Leonardo e Salaì emalaram silenciosamente os seus pertences e deixaram Mântua. Ele pensou em ir para Veneza, onde podia desenhar uma cidade fantástica sobre aqueles canais. E que tal Roma? Era um ninho de víboras de corrupção e guerra, mas pelo menos na Cidade Eterna a arte brotava do chão como erva daninha. Então, pensou em Florença.

Sim, a cidade estava em guerra com Pisa e murchava sob a ameaça de César Bórgia, mas era também uma das mais ricas cidades-estado da península e albergava alguns dos maiores pensadores da história.

Leonardo passara muitos anos em Florença, aprendendo e iniciando a carreira dentro dos seus muros. Há quase 20 anos que não voltava e, quando partira, jurara jamais regressar. Mas Florença era a única cidade com bastante dinheiro, criatividade e liberdade para o lançar do chão para os céus.

Um romance extraordinário sobre
a rivalidade entre dois artistas geniais,
que resultou na criação de *Mona Lisa* e *David*.

No início do século XVI, Miguel Ângelo Buonarroti e Leonardo da Vinci viviam e trabalhavam ambos em Florença. Quando se conheceram, Leonardo era um homem bem-parecido de 50 anos que se encontrava no auge da carreira, enquanto Miguel Ângelo era um desma- zelado escultor de 26 anos, desesperado por deixar o seu nome na História.

A rivalidade entre ambos tem início quando, em 1501, Miguel Ângelo consegue que lhe seja atribuída a si, e não ao grande mestre de Vinci, a encomenda de esculpir aquela que viria a ser a escultura mais famosa de todos os tempos: *David*.

Após perder tão ansiado encargo, a vida de Leonardo começa a desmoronar-se. É então que conhece uma mulher por quem fica encantado e cujo retrato aceita pintar. O seu nome é Lisa, e tornar-se-á a sua musa.

Leonardo despreza a falta de sofisticação de Miguel Ângelo, mas, ao mesmo tempo, admira-o. Por seu lado, este rejeita a genialidade de Leonardo tanto quanto a venera. Ambos tentam superar-se criando extraordinárias obras-primas. Mas qual será considerado o maior artista do seu tempo?

«O processo artístico pode envolver insegurança, dificuldades e puro esforço físico, mas, nesta obra, o drama é descrito com realismo e perspicácia. Uma leitura cativante.»

Booklist

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8869-02-9  9 789898 869029 Romance Histórico</p>
---	---